

Script Adelina Paula Nogueira

Características

Público-Alvo	Adultos desempregados e jovens
Contexto	Formação em sala para adultos desempregados (Vida Ativa, EFA Modular) e jovens (Sistemas de Aprendizagem)
Mensagem	Nunca desistir e não esquecer que nunca é tarde para aprender
Personagens	Uma jovem, a Maria, que vai crescendo no mercado de trabalho
Objetivo	Motivar os formandos para a aprendizagem e a importância de encarar a situação de desemprego não como algo negativo mas como uma porta que se abre para novas oportunidades

Narrativa

Maria começou a trabalhar na área de secretariado/administrativa aos 19 anos, altura em que ainda não existiam computadores. Todos os documentos administrativos eram elaborados manualmente ou na máquina de escrever. Tinha entrado para a Faculdade de Letras, curso de Línguas mas verificou que não era o que estava à espera. Sentiu-se um pouco defraudada nas suas expectativas, o curso não era o que tinha idealizado. Assim, decidiu ir trabalhar e propor-se aos exames. Adorava o seu trabalho e como resultado foi progredindo na sua carreira. No entanto, essa progressão não era acompanhada no curso, uma vez que não tinha muito tempo para estudar e os professores demonstravam alguma relutância com os alunos trabalhadores-estudantes.

Surgem os computadores e o “maravilhoso” *Wordstar* que na prática era uma máquina de escrever um pouco mais sofisticada. Teve de aprender a trabalhar com os computadores de uma forma independente, dado que não havia grande oferta de formação e as empresas não ofereciam formação. Maria não baixou os braços, até porque viu as vantagens que os computadores traziam.

A tecnologia não parava de avançar e surge o *Windows* e o *Microsoft Office*. Mais uma vez Maria fez uma aprendizagem individualizada. Parar... nunca! Ficar para trás... nem pensar! Teve de aprender a trabalhar com *softwares* empresariais que iam surgindo e que as empresas, por onde passava, iam adquirindo. Nessa altura Maria já era Secretária Comercial e adorava o que fazia. Por causa disso, tomou uma decisão difícil: desistiu do curso que estava a tirar (a um ritmo lento) e pediu transferência para um curso superior de Secretariado que estava ligado com a sua atividade e escolha profissional e ainda tinha a vantagem de frequentar o curso noturno. Começou o curso e com esforço e empenho conseguiu concluir a licenciatura em seis anos (duração mínima da licenciatura). E lá foi continuando a progredir na carreira, chegando a secretária de direção.

Aí... surgiu o “problema” foi-lhe diagnosticada doença profissional devido a problemas nos tendões das mãos e cotovelos. Teve de desistir da sua profissão porque lhe era impossível estar 8 horas por dia a trabalhar nos computadores. Nessa altura teve oportunidades de emprego como tradutora (outra profissão que adorava e que também estava relacionada como curso que tinha tirado), mas mais uma vez teve de recusar devido à sua doença profissional. Que rumo profissional iria a sua vida tomar?

Aconselharam-na a concorrer para a docência e a Maria achou que era uma boa possibilidade. Adorava comunicar, tinha experiência profissional que poderia transmitir aos seus alunos e assim foi. Maria tornou-se professora contratada. E estava tudo a correr bem. Todos os anos era colocada numa escola relativamente perto de casa. Paralelamente teve a oportunidade de dar formação e lá foi a Maria. Entretanto fez a Profissionalização em Serviço. Estava a meio da Profissionalização quando o Ministério decidiu que a disciplina que Maria lecionava ia sair do currículo obrigatório, pelo que as escolas não poderiam contratar professores para essa disciplina. Mesmo assim Maria concluiu a Profissionalização.

Deixou o ensino... mas abraçou com alma a sua profissão de formadora. Está sempre atenta ao que os jovens gostam, às ferramentas que usam, pois é essencial acompanhá-los nas tecnologias para poder comunicar com eles. Da mesma forma que mantém-se informada das novas ferramentas administrativas que surgem no mercado empresarial, para atualizar os seus conteúdos. Baseia-se muito na sua experiência

profissional anterior para transmitir os conteúdos e motivá-los pois quando dá exemplos, fá-lo com paixão e entusiasmo.

Maria diz muitas vezes: “Sou uma felizarda! Fui forçada a mudar de profissão, algumas vezes, mas tenho a sorte de adorar cada uma delas! Tenho saudades de todas delas, mas revivo-as na formação”.

Não é apenas sorte, pois não? Se Maria tivesse baixado os braços quando lhe surgiu o problema físico ou tivesse virado as costas à aprendizagem contínua que é necessária para nos mantermos no mercado de trabalho, Maria viveria com uma pensão vitalícia de 25€/mês atribuída pela sua doença profissional e estaria sempre a perder o emprego que tivesse por não conseguir trabalhar muitas horas diárias ao computador ou trabalhos que impliquem muito o uso das mãos.

Todos nós podemos ser a Maria se não desistirmos e conseguirmos olhar sempre para o copo meio cheio e nunca meio vazio!